



Ao dobrar a esquina da Rua do Alecrim com o Largo do Chiado, Mário Frias fica "arrepiado". Vinte anos depois do incêndio

A água parecia que se evaporava. Foi fora do normal. Sentimo-nos impotentes perante um incêndio daquelas dimensões", recordou Mário Frias, num passeio pelo Chiado, na companhia da Lusa e de dois colegas dos Bombeiros Voluntários de Lisboa, que com ele combateram as chamas a 25 de Agosto de 1988.

Naquela madrugada, o receio tomou conta dos três, mas a vontade de ajudar era mais forte.

"Andávamos no fogo do Chiado em mangas de camisa. Não havia os fatos que há hoje em dia. Senti vontade de ir e medo de chegar às chamas, porque não podíamos. Foi uma mistura de sentimentos", contou à Lusa Vitorino Bandarra, de 43 anos, desde os 16 nos Bombeiros Voluntários.

José Cachinho, hoje comandante, já sabia ao que ia, mas mesmo assim assustou-se.

"Estava em casa quando me chamaram, já tinha visto as notícias. Mas não me passava pela cabeça encontrar o que encontrei. Fiquei apavorado", disse.

O alerta do incêndio foi dado por volta das 05:00 do dia 25 de Agosto, o fogo foi dado como circunscrito pelas 13:00, e o rescaldo durou cerca de uma semana.

Mário Frias, Vitorino Bandarra e José Cachinho passaram perto de 72 horas a combater o fogo, com pequenas pausas para comer, beber, tomar um duche quente e mudar de roupa.

"Foi cansativo, mas com a ânsia de dar cabo dele, matá-lo o mais rápido possível, nem nos apercebemos do tempo que lá estivemos", lembrou Mário Frias.

Sentimento partilhado por José Cachinho: "senti dificuldades, como todos, mas envolvi-me no combate e não tive mais tempo para pensar".

Algumas imagens estão muito presentes na memória destes homens, vinte anos depois da tragédia.

"Lembro-me perfeitamente como se fosse hoje de ver o meu colega a passar na maca completamente queimado. Aquilo ficou-me na retina e nunca mais me esqueço de uma coisa daquelas. Felizmente foi só aquele", recordou Mário Frias, referindo-se ao único bombeiro morto no combate às chamas, Joaquim Ramos, do Regimento Sapadores Bombeiros de Lisboa, vítima de uma explosão.

No meio de toda a confusão, Vitorino Bandarra conseguiu reter uma imagem "engraçada".

"O dono do Jerónimo Martins disse para retirarmos tudo o que estivesse nos frigoríficos para comermos. Às tantas comecei a ver pessoal a sair com caixotes debaixo do braço e a comer gelados enquanto o Chiado ardia. É uma daquelas situações que só visto", lembrou, divertido.

Mas as memórias "más" de Vitorino Bandarra são mais fortes. "Ver um colega morrer ao pé de nós e pessoas do meu bairro [Vitorino nasceu, cresceu e vive na Bica] ficarem sem emprego foi difícil".

O incêndio deixou cerca de duas mil pessoas no desemprego, muitas delas trabalhadoras dos armazéns do Chiado e do Grandella.

Vitorino Bandarra viveu o incêndio como bombeiro, mas também como morador da zona.

"Acompanhei a aflição dos meus vizinhos. Não sabiam qual ia ser o futuro deles. Uma, que estava há 17 anos no Grandella, acabou por emigrar, porque de um momento para o outro ficou sem emprego, sem nada", recordou.

José Cachinho, que também nasceu, cresceu e sempre morou na zona, ao ver o Chiado na fase de rescaldo, sentiu "um aperto no coração".

"Era um local onde eu ia fazer as minhas compras, ia passear com os meus amigos. Partia-me o coração olhar para aquelas ruínas. Agora tem uma alma nova e o trabalho foi espectacularmente bem feito", disse.

Quanto à possibilidade de Lisboa ter um novo incêndio como o do Chiado estão todos de acordo: "não é possível".

"Hoje em dia as situações são detectadas à nascença. A coordenação de meios funciona melhor. Os edifícios têm vigilância", referiu José Cachinho, salientando no entanto que "toda a cidade histórica é um perigo".

Fonte: [Liga dos Bombeiros Portugueses](#)

Texto: Joana Ramos Simões da Agência Lusa

Colaboração de Gabinete de Sistemas de Informação
Domingo, 24 Agosto 2008 23:26

Fotos: António Cotrim da Agência Lusa